

Marc Coppey

violoncelo

2 Jul 2019

19:30 Sala 2

SUGGIA

Johann Sebastian Bach

Suite para violoncelo solo n.º 3, em Dó maior, BWV 1009

(1717-23; c.20min)

1. *Prelude*
2. *Allemande*
3. *Courante*
4. *Sarabande*
5. *Bourrées I e II*
6. *Gigue*

Henri Dutilleux

Trois Strophes sur le nom de Sacher (1976-82; c.9min)

1. *Un poco indeciso*
2. *Andante sostenuto*
3. *Vivace*

Zoltán Kodály

Sonata para violoncelo solo, op. 8 (1915; c.30min)

1. *Allegro maestoso appassionato*
2. *Adagio* -
3. *Allegro molto vivace*

Uma suite é uma obra musical escrita para um instrumento, ou formação instrumental, constituída por um conjunto de danças contrastantes que, de uma maneira geral, estão todas na mesma tonalidade. A estrutura base da suite é formada pela *allemande*, uma dança de andamento lento e compasso quaternário, pela *courante*, uma dança de origem francesa, viva e animada, de métrica ternária, pela *sarabande*, uma dança espanhola, lenta, de carácter sério e grave, e pela *gigue*, uma dança de origem inglesa bastante rápida, muito ligeira, em compasso binário composto.

As seis Suites para violoncelo solo foram compostas entre 1717 e 1723, época em que **Johann Sebastian Bach** (1685-1750) ocupou o posto de Mestre de Capela da Corte de Anhalt-Cöthen. Foi durante a estada na corte do Príncipe Leopold que Bach escreveu a maior parte da sua obra instrumental, como os *Concertos Brandeburgueses* e os concertos e as suites para violino e para piano, uma vez que o seu patrono era grande entusiasta da música instrumental. Não chegou até nós o manuscrito autógrafo de nenhuma das seis Suites para violoncelo solo; só cópias manuscritas, datadas de c. 1730, da autoria de Anna Magdalena Bach, segunda mulher do compositor, e de Johann Peter Kellner, amigo de Bach. As primeiras edições impressas datam da segunda década do séc. XIX, mas as suites aparecem identificadas como Seis sonatas ou estudos para violoncelo, ou seja, como obras que servem para desenvolver

e aperfeiçoar os aspectos técnicos do instrumento. Foi graças a Pau Casals, o mítico violoncelista catalão, que as Seis Suites para violoncelo solo foram reveladas ao mundo como as obras-primas que são.

A **Suite n.º 3 em Dó maior BWV 1009**, que vai ser interpretada no concerto de hoje, é notável pela forma como Johann Sebastian Bach explora todo o potencial sonoro do violoncelo. Para além das quatro danças estruturais – uma elegante *allemande*, uma viva e luminosa *courante*, uma sóbria *sarabande*, e uma *gigue* brilhante e tremendamente difícil –, Bach acrescentou um *prelúdio* e duas graciosas *bourrées*. Ao fazer coincidir a tonalidade da suite com a afinação da corda mais grave do violoncelo (Dó), Bach tira partido do registo grave do instrumento, recurso especialmente perceptível na escala descendente que abre o *prelúdio* e que desemboca na nota mais grave do violoncelo, a nota Dó.

O maestro, empresário e mecenas suíço Paul Sacher (1906-1999) foi uma das figuras-chave da música do séc. XX. A Orquestra de Câmara de Basileia, que ele fundou com 20 anos de idade, e o Coro de Câmara de Basileia, criado dois anos depois, foram responsáveis pela estreia mundial de várias obras dos principais compositores da música erudita do séc. XX, tais como Stravinski, Richard Strauss, Bartók, Hindemith, Elliott Carter e Harrison Birtwistle.

Por ocasião do 70º aniversário de Paul Sacher, o violoncelista russo Mstislav Rostropovitch encomendou a 12 compositores seus amigos – Conrad Beck, Luciano Berio, Pierre Boulez, Benjamin Britten, Henri Dutilleux, Wolfgang Fortner, Alberto Ginastera, Cristóbal Halffter, Hans Werner Henze, Heinz Holliger, Klaus Huber e Witold Lutosławski – a composição de obras de homenagem a Sacher, utilizando como tema a sequência de notas correspondentes às letras do apelido.

Trois Strophes sur le nom de Sacher (Três Estrofes sobre o nome de Sacher) foi a obra que o compositor francês **Henri Dutilleux** (1916-2013) escreveu para a ocasião. A versão estreada em Zurique, a 2 de Maio de 1976, era constituída apenas pela Primeira Estrofe, *Un poco indeciso*. A versão que vai ser interpretada no recital de hoje foi criada seis anos depois e tocada em primeira audição mundial em Basileia, a 28 de Abril de 1982. Mstislav Rostropovitch é o dedicatário da obra e foi quem tocou as duas versões pela primeira vez.

A obra de Henri Dutilleux tem como fio condutor a sequência de notas que resulta da conversão das seis letras do apelido Sacher (Mi-bemol-Lá-Dó-Si-Mi-Ré) e que é utilizada em cada uma das Três Estrofes. A primeira inclui, ainda, no final uma citação directa de uma obra emblemática da música do séc. XX que Paul Sacher encomendou, em 1936, e dirigiu em estreia mundial em Basileia, em 1937: *a Música para cordas, percussão e celesta* de Béla Bartók.

De modo a “realçar as qualidades do registo grave” do violoncelo, a obra exige uma *scordatura*, ou seja, exige uma afinação diferente nas duas cordas mais graves do instrumento. Dó – Sol – Ré – Lá é a afinação habitual das quatro cordas do violoncelo, sendo a primeira (Dó) a corda mais grave. Dutilleux decide que as cordas Dó e Sol devem ser afinadas em Si bemol e Fá sustenido, respectivamente. Assim, o ‘novo’ acorde resultante desta *scordatura* – Si bemol – Fá sustenido – Ré – Lá – passa, nas palavras do compositor, a funcionar como “uma harmonia fundamental imaginária para o tema de seis notas”. Esta *scordatura* permite, também, potenciar e ampliar os recursos e especificidades do espaço sonoro do violoncelo, sobretudo do registo grave. A escrita polifónica evidencia a vasta paleta tímbrica do violoncelo e faz sobressair um virtuosismo criativo que surpreende pelo lirismo na Segunda Estrofe, *Andante Sostenuto*, e pela ousadia na Terceira.

A **Sonata para violoncelo solo op. 8** que o compositor húngaro **Zoltán Kodály** (1882-1967) compôs em 1915 é uma das obras de referência do repertório do séc. XX. Por causa da Primeira Grande Guerra, a sua estreia teve de ser adiada para 1918, para um concerto inteiramente preenchido com obras de Kodály que teve lugar em Budapeste, a 7 de Maio. O intérprete foi também o seu dedicatário, o violoncelista húngaro Jenő Kerpely.

A semelhança da obra de Henri Dutilleux, também a Sonata de Kodály pede uma *scordatura* em que as duas cordas mais graves do instrumento têm de ser afinadas meio-tom abaixo, em Si e Fá sustenido, respectivamente.

Nesta soberba obra em três andamentos – com 2º e o 3º a serem tocados sem interrupção – o compositor húngaro apresenta uma interpretação muito própria da forma sonata que se afasta bastante dos cânones definidos no Classicismo e assenta na liberdade do material melódico, na unicidade e constância temática transversal aos três andamentos, e nas surpreendentes metamorfoses sonoras de que o violoncelo faz uso, particularmente evidentes no *Allegro molto vivace* final. A dança frenética de cariz popular do último andamento parece transformar o violoncelo numa gaita-de-foles, numa cítara e num clarinete, sucessivamente. Já o primeiro andamento, *Allegro maestoso appassionato*, surpreende pelo dramatismo e pela angústia. Com um discurso musical em jeito de recitativo, a Sonata para violoncelo solo op. 8 começa com amplos e rasgados acordes que contrastam com um segundo tema suplicante e emotivo. O *Adagio* central mantém o dramatismo e a angústia do primeiro andamento, acentuado pela indicação *con grand’espressione* e pelo timbre escuro do registo grave do violoncelo. A cantilena de cariz popular que se segue, apesar de melancólica, ajuda a desanuviar o ambiente pesado e denso do início do andamento. Kodály escreve uma secção central, *Con motto*, que se assemelha a um grito de desespero.

Num artigo escrito em 1912 com o título “The New Music of Hungary” (“A Nova Música da Hungria”), Béla Bartók escreveu que na Sonata para violoncelo solo op. 8, Zoltán Kodály expressa, com os meios técnicos mais simples, ideias musicais que são totalmente originais, produzindo uma obra absolutamente brilhante.

ANA MARIA LIBERAL, 2019

Marc Coppey violoncelo

Marc Coppey é um dos principais violoncelistas da actualidade. Yehudi Menuhin conheceu-o no Concurso Bach (1988) em Leipzig, quando Marc, com apenas 18 anos, venceu os dois galardões mais importantes – 1º Prémio e Prémio Especial para melhor interpretação de uma peça de Bach. Rapidamente se estreou em Moscovo e Paris com o Tchaikovsky Trio, ao lado de Menuhin e Victoria Postnikova, uma colaboração documentada num filme do realizador Bruno Monsaingeon. Em 1989, Mstislav Rostropovitch convidou-o para o Evian Festival. É convidado regular das principais orquestras internacionais e colabora com inúmeros maestros prestigiados.

Desde o início da sua carreira, Marc Coppey dedica-se à música barroca e contemporânea, além do mais conhecido repertório romântico. Apaixonado por música de câmara, já explorou grande parte do repertório para violoncelo ao lado de prestigiados artistas. Foi violoncelista do Quarteto Ysaÿe (1995-2000).

A amplitude do seu repertório é a prova da sua profunda curiosidade: toca frequentemente as suites de Bach e algumas peças de concerto mais comuns, mas também obras menos conhecidas. É dedicatário de muitos compositores, incluindo Auerbach, Bertrand, Christian, Dufourt, Durieux, Fedele, Fénelon, Hurel, Jarrell, Jolas, Krawczyk, Lenot, Leroux, Mantovani, Meïmoun, Monnet, Pauset, Poppe, Pécou, Reverdy, Staud, Tanguy, Verrières. Fez a estreia mundial de concertos de Lenot, Tanguy e Monnet. Em 2015 estreou dez obras para violoncelo solo de alguns dos compositores mais proeminentes da actualidade, em homenagem a Pierre Boulez.

As gravações de Marc Coppey têm sido aclamadas pela crítica internacional. A sua discografia inclui obras de Beethoven, Debussy, Emmanuel, Fauré, Grieg e Strauss, para as etiquetas Auvidis, Decca, Harmonia Mundi e K617. Gravou a integral das suites de Bach (premiada pela revista *Télérama*), um disco dedicado à música de Dohnányi (premiado com “10 de Répertoire” da revista francesa *Répertoire*), um álbum dedicado às grandes sonatas russas para violoncelo, o Quinteto de Schubert com o Quarteto Prazak e ainda o Concerto para violoncelo de Martin Matalon. Mais recentemente gravou o Concerto para violoncelo de Dutilleux e *Epiphanie* de Caplet com a Orquestra de Liège sob a direcção de Pascal Rophé, tendo recebido cinco estrelas da *BBC Music Magazine*, um Diapason d’Or e o “Choc” da *Monde de la Musique*. Gravou as Sonatas de Brahms e Schubert e fez as estreias mundiais das obras concertantes de Théodore Dubois. Gravou a integral das sonatas para violoncelo e piano de Beethoven (Audite, 2018).

Marc Coppey é professor de violoncelo no Conservatório Superior de Paris e orienta masterclasses no mundo inteiro. É director artístico do festival de música de câmara Musicales de Colmar e desde 2011 é director musical do Zagrebacki Solisti. É convidado regularmente para dirigir a Deutsche Kammerakademie Neuss am Rhein. Foi nomeado Officier des Arts et des Lettres pelo Ministério da Cultura Francês, em 2014.

Marc Coppey nasceu em Estrasburgo, tendo estudado no conservatório da mesma cidade. Prosseguiu os estudos no Conservatório Superior de Paris e na Universidade do Indiana. Toca num raro violoncelo do construtor Matteo Goffriller (Veneza, 1711).